



Volume III, número 2, jul-dez, 2022, pág.140-156.

A GEOGRAFIA EM UMA BREVE DIALÉTICA CRONOLÓGICA

Jerusa Campelo Freitas Ferrari

RESUMO:

Este artigo tem como proposição fazer uma sequência cronológica acerca do conteúdo geográfico como ciência. Desde sua formação e sua sistematização na Alemanha às referências teórico-metodológicas que o transformaram, correlacionando-o à corrente do pensamento geográfico e a seus principais precursores até os dias atuais. Foi feita uma revisão bibliográfica, embasada em livros e outras pesquisas acadêmicas. Assim, identificamos que a Geografia é, desde sua gênese, uma interdiscursividade de saberes trocados e reformulados por indivíduos de épocas temporais distintas, mas sempre atentos aos diversos fenômenos físico, natural e social que acometem a humanidade. E não há como pensarmos alguma área da Geografia, sem articulações interdisciplinares; pois, afinal, necessitamos de diálogos contínuos, novas leituras e perspectivas acerca do conhecimento; visto que as ciências só progridem, quando há o intercâmbio de diferentes ideias.

Palavras-chave: Conhecimento; Geografia; Correntes geográficas; Precursores

GEOGRAPHY IN A BRIEF CHRONOLOGICAL DIALECTICS

ABSTRACT:

This article proposes to make a chronological sequence about the geographic content as a science. From its formation and systematization in Germany to the theoretical-methodological references that transformed it, correlating to the current of geographical thought and its main precursors to the present day. A bibliographical review was made, based on books and other academic research. Thus, we identified that Geography is, since its genesis, an Interdiscursivity of knowledge exchanged and reformulated by individuals of different time periods, but always attentive to the various physical, natural and social phenomena that affect humanity. And there is no way to think about any area of Geography, without interdisciplinary articulations; for, after all, we need continuous dialogues, new readings and perspectives on knowledge; since sciences only progress when there is the exchange of different ideas.

Keywords: Knowledge; Geography; Geographic currents; Precursors



1. Introdução

A construção da sociedade e do mundo em que vivemos está relacionada a processos subjetivos e a concepções acerca do conhecimento que formulamos tanto quanto aos conceitos formais advindos dessas noções. É fundamental, portanto, entendermos primeiramente o que é conhecimento, pois, este “es una manera de relacionarse con la realidad, un modo de interpretarla, de dar cuenta de ella” (DÍAZ, 2010, p.13), e como se transformou em ciência, mais precisamente, a ciência geográfica. A Geografia veio, ao longo dos séculos, em uma sequência de análises e transformações, decorridas da ação e da observação humana, sofreu intercorrências que a tem feito ampliar seus paradigmas, na perspectiva da interpretação dinâmica de uma realidade na qual estamos inseridos. Perceber seus processos de formação e de sistematização em uma dialética cronológica dentro de sua realidade, atrelada ao contexto temporal, torna-se extremamente relevante para a compreensão do desenvolvimento das correntes geográficas ao longo do tempo.

Dessa forma, neste artigo, relacionamos a Geografia em uma sequência temporal, mantendo a linearidade de ideias e de fatos a que seu arcabouço científico e suas principais vertentes estão subordinados. Ademais, procuramos identificar as bases formadoras que constituíram a Geografia como ciência sistematizada. Correlacionamos seus principais precursores às “várias nuances geográficas” que surgiram ao longo dos anos e que foram, de certo modo, reformuladas em consequência da busca reflexiva da intrínseca relação homem e natureza. E, por fim, analisamos as correntes do pensamento geográfico das últimas décadas, fazendo uma interlocução acerca de suas abordagens filosófica e epistemológica, abarcando a multiplicidade do conhecimento na Geografia.

Por conseguinte, foi realizada uma revisão bibliográfica em livros, artigos e outras fontes, que, juntos, proporcionaram uma breve exposição analítica sobre o conteúdo geográfico e sua complexidade no mundo atual. Este texto científico se desenvolve a partir da percepção de como esse conhecimento emana desde os primórdios civilizatórios. Elenca uma sequência de teorias e reflexões que são decorridas por meio de datas e períodos que, por vezes, tornam-se difíceis de serem



definidos, pois a lógica da formação de qualquer ciência não está, exatamente, em épocas determinadas pelos construtos histórico-geográficos, mas nas conexões temporais que as agregam.

2. A Geografia como ciência, ponto de partida do conhecimento

"Aos que sonham, porque é no sonho onde mora o real mais profundo" (MOREIRA, 2010, p.6)

O homem, desde os primórdios dos tempos, tenta explicar a existência da vida e as ocorrências desses fatos. Segundo Díaz (2010, p.15), justificavam-se certas formas de conhecimento por meio do misticismo, do lúdico e da antropomorfia para argumentar a experiência da criação acionada pelo pensamento. Tal conhecimento é amplamente articulado para a compreensão do espaço e de suas relações com o ser humano, considerando a diversidade de seus elementos, a qual veio contribuir com a evolução das ciências natural e social, percorrendo além do pensamento racional de fins do século VII a.C. Ao longo do tempo, algumas definições acerca da Geografia surgiram como forma de abordar a abrangência de seu conhecimento e tentar delimitar seu objeto de estudo. De certo modo, as várias civilizações que existiram a utilizaram como formas de entender e de transformar a realidade em que viviam. De acordo com Moraes (2003, p.11), "(...) o termo Geografia remonta, desde a Antiguidade Clássica, mais precisamente ao pensamento grego". E a etimologia da palavra Geografia tem origem, conseqüentemente, no termo grego *Geógraphía*, que significa, descrição da Terra (FERREIRA, 1999).

Além disso, o conhecimento, como o entendemos hoje, surge pela transformação que este tem, a partir do momento que se estabelece como forma de organizar a sociedade e produzir o espaço, o desenvolvimento do trabalho e a circulação do capital. Ou seja, um conhecimento sistematizado, com objetos de estudo bem definidos e com uma metodologia própria de produção e de investigação para que possamos desenvolver os vários campos das ciências. Para Moraes (2003, p.16), a Geografia como ciência, emerge em meados dos séculos XVIII e XIX, mais precisamente em território germânico, pois a Alemanha, naquele período, necessitava institucionalizar o conhecimento geográfico científico, para fundamentar sua dominação em território



européu. Assim, não raro, frequentemente escutamos o discurso atribuído a Francis Bacon, *Conhecimento é poder*¹ e tal conhecimento, naquele momento, estava nas mãos das elites, pois tratava-se, já naquela época, da conotação de poder. Portanto, os primeiros a organizar o conhecimento de cunho geográfico, sistematizando-o, são dois autores prussianos ligados à aristocracia: “Alexandre Von Humboldt, conselheiro do rei da Prússia, e Karl Ritter, tutor de uma família de banqueiros. Ambos são contemporâneos e pertencem à geração que vivencia a Revolução Francesa” (MORAES, 2003 p.16).

2.1 A Geografia Tradicional (1820)

A Geografia Tradicional surge, por conseguinte, a partir da obra destes dois autores, Humboldt e Ritter, que criaram uma diretriz na continuidade do pensamento geográfico, algo que até aquele período não existia, como corrobora o trecho de Moraes (2003), a seguir.

A obra destes dois autores compõe a base da Geografia Tradicional. Todos os trabalhos posteriores vão remeter às formulações de Humboldt e Ritter, seja para aceitá-las, ou refutá-las. Apesar das diferenças entre estas — a Geografia de Ritter é regional e antropocêntrica, a de Humboldt busca abarcar todo o Globo sem privilegiar o homem — os pontos coincidentes vão aparecer, para os geógrafos posteriores, como fundamentos inquestionáveis de uma Geografia unitária (MORAES, 2003, p.17).

De acordo com Silva (2018, p 25-26), Karl Ritter e Alexander Von Humboldt foram grandes intelectuais alemães, precursores da chamada Geografia Tradicional. Ritter dedicou-se à reflexão, propunha um sentido para a relação homem-natureza fazendo conexões entre os fatos físico e humano. Segundo Muller (2017, p.79-82), “Ritter foi, a um tempo, pioneiro da ciência geográfica moderna e do ensino universitário dessa matéria, uma vez que ocupou a primeira cátedra de Geografia, na Universidade de Berlim” e, em setembro de 1820, começou como primeiro professor universitário da matéria. Humboldt foi pesquisador e também viajante naturalista, fazia considerações das paisagens que observava como resultantes de vários fenômenos em diferentes escalas. Conforme Alves (2005, p.71), “é, a partir das informações

¹ Conhecimento é poder: frase atribuída à Francis Bacon, mas o que ele escreveu foi algo logicamente equivalente: “o conhecimento e o poder do homem são sinônimos” *Novum Organum* (BRITANNICA, 1952, p.107).



recolhidas, durante suas viagens, que Humboldt produziu sua vasta obra, destacando, sobretudo, *Cosmos*; uma espécie de síntese de todos os seus trabalhos”. *Cosmos* era uma coletânea de cinco volumes, produzida entre 1845 e 1859, e foi considerada um grande marco para a história da Geografia. Ambos os autores fizeram inúmeras contribuições para a cientificidade geográfica e, a partir deles, inicia-se a sistematização da Geografia, conforme exemplifica Claval (2011a).

A dimensão natural das análises de situação precisa-se com Alexandre Humboldt, que multiplica as maneiras de regionalizar a Terra, apoiando-se em critérios naturais. Enquanto Ritter codificou o estudo das situações e assimilou a ideia de que a história dos povos reflete os meios onde vivem. A análise de situação relaciona os fenômenos locais ao que se passa na escala do planeta (CLAVAL, 2011a, p. 151-153).

Como em outras áreas do conhecimento, os pensadores e as teorias dessa área seguiram vertentes temporais relacionadas a circunstâncias distintas, sejam de fatores econômico, histórico ou mesmo ideológico. Segundo Moraes (2003 p.14), Friedrich Ratzel foi um típico intelectual alemão que, influenciado pelas ideias evolucionistas do britânico Charles Darwin, fortaleceu e consolidou a sistematização da Geografia. Criou o Determinismo Geográfico² e a ideia do Espaço vital³, utilizado, posteriormente, para justificar o expansionismo alemão e o domínio colonial europeu “(...) a Geografia de Ratzel foi um instrumento poderoso de legitimação dos desígnios expansionistas do Estado alemão recém-constituído” (MORAES, 2003 p.18). Ainda, segundo Moraes (2003, p.19), em 1882, Ratzel publica sua mais importante obra *Antropogeografia-fundamentos da aplicação da Geografia à História*, fundamentando o que conhecemos como a Geografia Humana, conforme esclarece Claval (2011a, p.253-255).

A geografia humana clássica nasce na época em que o evolucionismo triunfa; tenta responder algumas das perguntas fundamentais que ele coloca. Já a perspectiva que se impõe na França é diferente, a geografia francesa não é determinista. Vidal de La Blache coloca a tônica na relação entre comportamentos coletivos e a distribuição dos estabelecimentos humanos, muito mais do que a influência do ambiente. A abordagem regional também é uma característica dessa época.

² Determinismo geográfico: “o homem é um produto do meio” as condições naturais é que determinam a vida em sociedade (MORAES, 2003, p.20).

³ Espaço vital: proporção do equilíbrio entre a população de uma sociedade e seus recursos disponíveis, para a consolidação do poder do Estado em seu território (MORAES, 2003, p.19).



No final do século XIX, início do século XX, surge na França outra corrente filosófica da Geografia, o Possibilismo⁴ com Vidal de La Blach, o qual foi fundador da Escola Francesa de Geografia (MORAES, 2003 p.24-25). Segundo La Blache, a natureza sofre a ação do homem e o meio ambiente não determina o modo de vida dos povos, mas a interação de ambos. Logo, para La Blache (2005 p. 114), “(...) um gênero de vida constituído implica uma ação metódica e contínua, que age fortemente sobre a natureza ou, para falar como geógrafo, sobre a fisionomia das áreas”. De certo modo, conforme Moraes (2003, p.25), ao analisarmos o Determinismo de Ratzel e o Possibilismo de La Blache, verificamos que ambos possuíam uma mudança relativamente sutil, pois estavam pautados no Positivismo⁵ e mantinham como essência o homem e a natureza, o que vem a mudar drasticamente nas décadas seguintes, com uma nova epistemologia geográfica baseada em outros paradigmas.

3. A dialética do conhecimento dentro das várias “nuances geográficas”

Para Sauer (2012, p 43), “a geografia nunca esteve limitada às atividades de seus representantes acadêmicos”, pois sempre possuiu várias influências e muitos conhecimentos agregados. Desde a antiguidade, o homem sentiu necessidade da descoberta, do entendimento sobre os fenômenos naturais e da reflexão sobre si próprio. Além disso, ele precisava conhecer o espaço ao seu redor, inferindo sobre este, referenciando-o e mapeando-o conforme a sua percepção de localização e de espacialidade. Ao longo dos séculos, a Geografia se desenvolveu, retomou a suas origens e se reformulou com novos olhares. Estes, atentos e críticos, na tentativa de fazer com que esta ciência, entre outros diversos aspectos, consiga refletir sobre as várias vertentes que a permeia, tornando-se um elemento transformador das relações socioespaciais. Pode-se dizer que a Geografia é uma gama de conhecimentos e

⁴ Possibilismo: termo utilizado por Lucien Febvre para definir a teoria de Vidal de La Blache, em que o homem poderá modificar seu ambiente para sobreviver “a natureza passou a ser vista como possibilidades para a ação humana” (MORAES, 2003, p.24).

⁵ Positivismo: Concepção filosófica e metodológica elaborada por Augusto Comte em que os métodos científicos deveriam ser baseados na experimentação como única forma de propiciar um conhecimento válido. Foi fundamento comum de todas as correntes da Geografia Tradicional “A Geografia é uma ciência empírica, pautada na observação” (MORAES, 2003, p.7-8).



interfaces com conteúdos sistematizados que tentam abordar a pluralidade de seus campos de atuação. Desde as últimas décadas, as várias “nuances geográficas” rompem paradigmas e reestruturam sua metodologia, dentro de uma contemporaneidade relacional dinâmica, o que confirmaremos a seguir.

3.1 A Geografia Teorético-Quantitativa (1950-1970)

A partir da década dos anos 1950, houve uma grande mudança quanto ao carácter epistemológico e ao metodológico que transformaram a forma de pensar e de relacionar a Geografia. Baseada na filosofia da metodologia do positivismo lógico surgiu, simultaneamente, na Suécia, na Inglaterra e nos Estados Unidos a chamada Geografia Teorético-Quantitativa (BESSA, 2006, p.104). Ela tem como principais objetivos dar um maior peso científico à ciência geográfica, trazendo a estatística e a matemática como forma de validação, a comprovação dos dados por intermédio de outra abordagem, conforme elucidada a autora, a seguir.

Tais procedimentos são as características mais significativas e distintivas da Geografia Teorético-Quantitativa, constituindo-se em instrumentos analíticos para uma conduta verdadeiramente científica e racional, como era o anseio dos geógrafos teoréticos-quantitativistas, a exemplo de Burton (1963/1967), Davies (1977), Bunge (1966), Haggett (1966), Harvey (1969), dentre outros, que estavam preocupados com o carácter científico da análise geográfica (BESSA, 2006, p.105).

De acordo com Bessa (2006, p.104), por meio de modelos lógicos, da lógica matemática e de concepções sistêmicas, esse método tornou-se o principal caminho para se chegar à comprovação de hipóteses e esclarecimentos de fenômenos geográficos alterando, conseqüentemente, a perspectiva da análise na Geografia. No Brasil, segundo Corrêa (2010, p.64), entre o final das décadas dos anos 1960 – 1970, essa metodologia chegou a ser bem utilizada no país. Porém, após esse período, obteve baixo desdobramento no cenário brasileiro, entre alguns outros fatores, pela projeção de outra corrente geográfica, a Geografia Crítica, que estava surgindo, mas esta não apresentava consonância com a quantificação da Geografia Teorético-Quantitativa (EVANGELISTA, 2014, p.294).



3.2 A Geografia Crítica (1970), “Por uma Geografia Nova”

O que preconizava a então Geografia Teorético-Quantitativa não conseguiu fazer a real dimensão das análises em sua abordagem, pois era puramente pragmática, direcionada a números e gráficos. Conforme Silva (2018, p.34), fazia-se necessária uma metodologia que relacionasse o materialismo histórico-dialético modificando aquele paradigma pautado no positivismo e na reprodução de modelos que não levavam à criticidade dos estudos. A Geografia Crítica sucedeu, então, à Geografia Quantitativa, no momento da história em que o uso da informação estava sob o contexto de dominação ideológica, “assim como de agravamento das tensões sociais nos países centrais e movimentos por independência nos países subdesenvolvidos (MOURA *et al.*, 2008, p.2-3). De acordo com a autora, no Brasil,

nessa época, o silêncio imposto pelo regime militar brasileiro e as políticas de desenvolvimento adotadas, facilitaram a inserção da corrente da geografia crítica no país, no final dos anos 1970. Inicialmente sufocada pelo regime autoritário, assim como pela institucionalização da disciplina, essa corrente significou um momento de ruptura não só política, como epistemológica (MOURA *et al.*, 2008, p.14).

Para Moura *et al.* (2008, p.18), na década dos anos 1970, a Geografia Crítica, que se formulava com enfoques marxistas, preconizava que o desenvolvimento e o subdesenvolvimento da sociedade estariam atrelados a uma visão crítica do Espaço e não necessariamente à tabulação de dados matemáticos. Nesse contexto, o espaço produzido pela ação antrópica, a partir de mecanismos técnico e tecnológico, seria explicado em uma abordagem dialética, dessarte uma nova forma de se fazer Geografia. Diversos geógrafos trouxeram “luz” à temática, como Pierre George, Yves Lacoste, Bernard Kayser e, no Brasil, principalmente, Milton Santos (1978) que, em uma de suas obras, define, como citado abaixo.

O espaço é a matéria trabalhada por excelência. Nenhum dos objetos sociais tem tanto domínio sobre o homem, nem está presente de tal forma no cotidiano dos indivíduos. A casa, o lugar de trabalho, os pontos de encontro, os caminhos que unem entre si estes pontos são elementos passivos que condicionam a atividade dos homens e comandam sua prática social. A práxis, ingrediente fundamental da transformação da natureza humana, é um dado socioeconômico, mas é também tributária das imposições espaciais (SANTOS, 1978, p172).



Milton Santos, geógrafo brasileiro, foi um dos principais intelectuais a contribuir para a criticidade do pensamento geográfico. Suas obras se caracterizavam por apresentar um posicionamento crítico em relação ao sistema capitalista e aos pressupostos teóricos geográficos que predominavam naquele período, marcados pelo Neopositivismo⁶ e a utilização de técnicas estatísticas (SILVA, 2018, p.33). Foi autor de diversas obras, como *Por uma Geografia nova*, em que fazia uma revisão crítica da evolução da Geografia, tornando-se um marco teórico-conceitual para essa ciência, em âmbito universal.

3.3 A Geografia Cultural e sua gênese

Neste tópico, previamente, retornaremos ao período inicial da estruturação geográfica, século XIX, quando abordamos a chamada Geografia Humana. De acordo com Claval (2011b, p.6), essa área do conhecimento geográfico foi elaborada por Friedrich Ratzel como um conjunto de categorias do meio físico e, mais tarde, incorporado à Escola Francesa de Vidal de La Blache. Segundo Holzer (2016), a Geografia Cultural nasceu no mesmo momento da Geografia Humana, também no século XIX. Porém, a Geografia Cultural só recebeu notoriedade, a princípio, em 1925, com Carl Ortwin Sauer, geógrafo estadunidense que foi o principal precursor da conhecida Escola de Berkeley⁷ (CORRÊA, 2014, p.38). Nesse mesmo ano, Sauer publicou um de seus maiores clássicos *The Morfology of Landscape*, em que aborda a ciência geográfica de cunho cultural. Conforme Holzer (2016), ele pontuava questões culturais da sociedade norte-americana, relacionando-as de forma geográfica, analisando principalmente a paisagem, pois ela é “formatada” a partir da percepção que as pessoas têm da paisagem natural, e a transformam em paisagem cultural, valorizando

⁶ Neopositivismo: considerado um período de renovação “conservadora” da Geografia, “ocorre a passagem, ao nível dessa disciplina, do positivismo clássico para o neopositivismo. Troca-se o empirismo da observação direta, por um empirismo mais abstrato, dos dados filtrados pela estatística” (MORAES, 2003, p.37).

⁷ Escola de Berkeley: situada na Califórnia (Estados Unidos) teve como precursor Carl Ortwin Sauer. A escola de Berkeley concentrava pesquisas e estudos sobre processos histórico-culturais, “vigorou de 1925, quando foi publicada, A Morfologia da Paisagem, a 1975, ano do falecimento de Sauer” (CORRÊA, 2014, p.38).



a interface homem-ambiente. Posicionamento exposto, a seguir, pelo próprio Sauer (2012).

A paisagem inclui as características da área natural e as formas sobrepostas na paisagem física pelas atividades do homem, a paisagem cultural. O homem é o último agente na formação da paisagem. Portanto, o estudo da geografia começa com a geografia física, mas o litoral é pontilhado por portos e as montanhas foram cobertas por trilhas e artefatos dos homens. Uma frase que tem sido muito usada na literatura alemã, cuja origem desconheço, caracteriza perfeitamente a intenção: “O desenvolvimento da paisagem cultural a partir da paisagem natural” (SAUER, 2012, p.66).

Para Hoefle (2012, p.27), “na geografia, Sauer foi o maior proponente do difusionismo cultural” e corroborou para um novo segmento no pensamento geográfico, a Geografia Cultural. Segundo Rocha (2007, p.21), Sauer sofreu duras críticas em seus estudos, pois sua teoria não continha um aporte metodológico e conceitual definido, gerando demérito de sua obra e conseqüentemente seu declínio, na década dos anos 1940. De todo modo, esse legado forneceu embasamento para a compreensão da dialética entre a cultura e a paisagem, de forma ampla, que pode ser estabelecida pelo ser humano com o meio ambiente. Diversos autores vieram, também, a contribuir com este segmento como: Marvin Mikesell, Denis Cosgrove e Paul Claval.

3.3.1 O Brasil e a Geografia Cultural

Segundo Corrêa e Rosendahl (2005, p.97), a Geografia brasileira, em sua gênese acadêmica, só começou de fato em 1934 na Universidade de São Paulo (USP). Durante os períodos de 1970 e 1980, ela atuava em três linhas de pensamentos geográficos: a tradição da Escola Francesa de Vidal de La Blache, a visão americana Teorético-Quantitativa e a então Geografia Crítica, a qual propunha o materialismo histórico-dialético. A chamada Geografia Cultural, até o final da década dos anos de 1980, foi negligenciada e até mesmo desconhecida por pesquisadores da área no país. De acordo com Ruy Moreira (2000 p.28-29), a Geografia, naquele período, já começava a dar sinais de que se iniciaria um processo de crise de paradigmas e caminhos metodológicos, além de uma acentuada pluralização no campo das ideias.



Assim, podemos dizer que o Brasil é um país “plural” por natureza, seja em sua morfologia física, nas matrizes populacionais, em sua complexidade socioespacial ou nas diversidades étnica, ideológica e cultural. Desse modo, essa diversidade permite um rico e amplo campo de pesquisas que envolvem as discussões dessas multiplicidades. Conforme Corrêa; Rosendahl (2015), a partir dos anos 1990, novos caminhos metodológicos são utilizados e apresentados para o desenvolvimento da cultura no país, uma produção humana e social, entendendo cultura como uma construção discursiva, a semântica de práticas e materialidades. Em 1993, criou-se, então, o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura (NEPEC) no departamento de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), espaço criado e coordenado por Zeny Rosendahl. Trata-se de um centro de estudos que tem ajudado na produção e na difusão da Geografia Cultural pelo Brasil (CORRÊA; ROSENDAHL, 2005, p.98).

Desde então, a Geografia cultural brasileira tem caminhado buscando, assim, o conhecimento da dimensão cultural em sua área. Ela mantém referências da matriz geográfica francesa, calcando, desse modo, elementos a serem utilizados para agregar os reportes teórico-metodológicos nas publicações do país. Para Haesbaert (2013, p. 240-241), são múltiplos os caminhos que temos para transitar e trabalhar a relação da cultura na Geografia, com sua dimensão simbólica, considerando que a cultura é toda materialidade e imaterialidade que nos envolve, na condição de indivíduos ou de grupos sociais. No país, vários autores têm respaldado essa visão geográfica, fazendo emergir bibliografias que contemplem e fomentem esse diálogo como, por exemplo, Paul Claval, geógrafo francês, que é uma das maiores referências mundial no assunto e se faz presente no enredo geográfico cultural brasileiro (CORRÊA; ROSENDAHL, 2005, p.99).

3.4 A Geografia Humanista e suas contribuições

Werther Holzer (2016), em seu livro *A geografia humanista: sua trajetória 1950-1990*, faz uma detalhada descrição acerca do tema, deixando claro em seus relatos que a Geografia Humanista é uma variação da Geografia Cultural, pois ambas fazem uma interlocução entre as matrizes geográficas. Com esse argumento, retomamos a



Sauer, na década dos anos 1925, já citado, precursor da Geografia Cultural americana e que, durante certo período, teve seus estudos propagados por todo os Estados Unidos. De acordo com Holzer (2012, p. 166-167), em 1947, outro geógrafo estadunidense John Kirtland Wright, que preconizava a subjetividade na pesquisa juntamente com a interdisciplinaridade de conteúdos não geográficos, teria, a posteriori, sua obra utilizada como base para uma nova epistemologia.

Na década dos anos seguintes de 1960, período em que, nos Estados Unidos, vigorava a então Geografia Teorético-Quantitativa e se fazia emergir, ainda tímida, uma Geografia denominada como Comportamental. Segundo Holzer (2012, p. 166), “ex-aluno de Carl Sauer, David Lowenthal, geógrafo e historiador, revisita a obra de Wright, com o intuito de renovar a Geografia Cultural, que, cada vez mais, perdia espaço nos meios acadêmicos norte-americanos.” O autor acrescenta que David Lowenthal é um nome importante para que compreendamos o surgimento da Geografia Humanista, pois seu trabalho serviu para unir e revitalizar duas fortes correntes da Geografia: a Cultural e a Histórica (HOLZER, 2016, p. 35).

Conforme Rocha (2007, p.21), nesse mesmo período, Yi-fu Tuan, geógrafo sino-americano, inspirado na literatura francesa do filósofo Gaston Bachalelard, propôs um novo olhar à Geografia; a subjetividade e o amor do homem em relação à natureza, denominado por ele de topofilia. Surge então, nesse contexto, o início do que seria uma renovação para a Geografia Cultural, a denominada, a priori, Geografia Comportamental, de Percepção, Humanística e, enfim, a Geografia Humanista (HOLZER, 2016). Em 1974, Tuan lança uma de suas mais marcantes obras, intitulada com o mesmo nome *Topofilia* (HOLZER, 2013, p.141). Nesta, o autor concebe de forma categórica todo sentimento que envolve o ser humano e sua intrínseca relação com a natureza, tornando-se uma grande referência epistemológica para a Geografia. Em 1976, Tuan publica o artigo *Humanistic Geography*, considerado uma declaração de independência do movimento humanista (HOLZER, 2013, p.142). Tornava-se, desde então, um dos principais proponentes desta corrente geográfica, juntamente a outros geógrafos como, Anne Buttimer, Edward Relph, David Lowenthal e Eric Dardel. Para Tuan (1982), a Geografia Humanista é interpretada como a ciência que “ procura um entendimento do mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a



natureza, do seu comportamento geográfico, bem como dos seus sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar” (TUAN, 1982, p. 143).

A Geografia Humanista, portanto, pode ser considerada um grande campo de observação e de articulação entre as várias áreas das ciências. Assim, ela faz com que percebamos uma construção de valores que estão concernentes ao meio ambiente, dentro de uma percepção emocional, na qual todo ser humano está inserido, e que, segundo Christofolletti (1985, p.8), “procura valorizar a experiência do indivíduo ou do grupo, visando compreender o comportamento e as maneiras de sentir das pessoas em relação aos seus lugares”. Outro aspecto que colaborou para a Geografia Humanista se consolidar foram as contribuições conceitual e filosófica da Fenomenologia, a qual procura analisar e compreender os fenômenos e fazer uma observação atenta ao mundo que nos rodeia. Para Christofolletti (1985, p.7), é uma análise da existência humana se abstendo ao máximo de conceitos e preconceitos para entender a vida do modo como ela se mostra, percebendo as paisagens não como elemento exterior, mas algo que se relacione com as próprias pessoas que vivenciam esse lugar. Outro autor que corrobora nessa visão teórica é Claval (2011a), conforme ilustra o excerto, a seguir.

A fenomenologia transformou as perspectivas dos geógrafos que a descobrem porque lhes revelou que os lugares não são pontos anônimos num espaço neutro; a Terra não é uma superfície geométrica, é feita de meios físicos, onde a vida está por toda parte presente e os homens moldaram à sua imagem (CLAVAL, 2011a, p. 222).

Segundo Marandola Jr. (2013, p.53), no Brasil, a Geografia Humanista surge após os anos 1980, quando artigos e produções acadêmicas começaram a ser traduzidos no país. Contudo, o crescimento dessa vertente se mantinha lento, pois predominavam outras correntes de pensamento geográfico dentro do contexto histórico-político nacional. Após a década de 1990, novas linhas de pesquisa, juntamente com a abordagem de geógrafos, como Zeny Rosendahl e Roberto Lobato Corrêa, já mencionados, contribuíram para o enriquecimento bibliográfico no país e, de acordo com Marandola Jr. (2013, p.55), "neste espaço aberto, o projeto de uma geografia fenomenológica no Brasil é retomado e passa a ter visibilidade suficiente para atrair novos interessados". Nas últimas décadas, diversos geógrafos abriram novas possibilidades de conhecimento e de aprimoramento no país como, por exemplo, Livia



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

de Oliveira, Oswaldo Bueno Amorim Filho, Armando Corrêa da Silva, João Baptista Ferreira de Mello e Werther Holzer, que vêm contribuindo para o fortalecimento e a elucidação dessa corrente geográfica no Brasil.

4. Considerações

Desde os tempos remotos, o ser humano sempre esteve ligado à natureza. A busca pela sobrevivência e a expansão de seu território fizeram com que ele aprimorasse técnicas, a partir da sua intuição, das causalidades e a racionalidade das ideias, fazendo gerir o pensamento geográfico de forma perspicaz e audaciosa, até mesmo para certas épocas. Diante disso, dispomos, nos conhecimentos geográficos, novas concepções a serem entendidas e que se ajustam, de tempos em tempos, a partir da necessidade da autocompreensão humana e a capacidade desta de se relacionar com o meio em que vive. Analisando a breve dialética cronológica traçada neste artigo, conseguimos perceber que a Geografia é, desde sua gênese, uma interdiscursividade de saberes, trocados e reformulados por indivíduos, de períodos temporais distintos, mas sempre atentos aos diversos fenômenos: físico, natural ou social que acometem a humanidade.

Diante dessa análise cronológica podemos afirmar, portanto, que existem “várias geografias”, com sua licença poética, dentro de um conhecimento sistematizado ou, por vezes, com olhares subjetivos, que ampliam sua lógica epistemológica. Utilizando-se de vertentes distintas, de acordo com os objetivos que se busca em cada obra, torna-se um grande campo de observação e articulação entre as várias áreas do conhecimento, desde a filosofia, a literatura, a matemática, a história e muitas outras. Certamente, não há como pensarmos qualquer área da Geografia sem essas articulações interdisciplinares, porque a interdisciplinaridade é fundamental para que os estudos geográficos tenham a capacidade de reflexão e de compreensão da realidade, na qual vivemos e o mundo em que estamos inseridos. Acrescentamos que, de certa forma, o conhecimento geográfico ou não geográfico não se limita a simples respostas de anseios da sociedade, em determinados século ou década, mas sim, suscitam perguntas, indagações que são elaboradas e contextualizadas na dicotomia de tempo e do espaço. Para tanto, necessitamos de diálogos contínuos, novas leituras e perspectivas acerca do



conhecimento, pois as ciências só progredem quando há o intercâmbio de diferentes ideias.

Referências

ALVES, Vicente Eudes Lemos. A obra de Humboldt e sua provável influência sobre a antropologia de Franz Boas. São Paulo: GEOUSP - *Espaço e Tempo*, Nº 18, p. 67 - 79, 2005.

BESSA, Kelly Cristine. A diferenciação espacial e as interpretações da geografia teórico-quantitativa e da geografia crítica. *Sociedade & Natureza*, v. 16, n. 31, 18 abr. 2006. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/sociedadnatureza/article/view/9195>. Acesso em 18/04/2020.

BRITANNICA, Encyclopédia. *Francis Bacon, Advancement of Learning, Novum Organum, New Atlantis*. Chicago: Britannica Great Books v.16, 1952.

CLAVAL, Paul. *Epistemologia da Geografia*. Tradução Margareth de Castro Afeche Pimenta e Joana Afeche Pimenta. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011a.

CLAVAL, Paul Charles Christophe. *Geografia Cultural: Um balanço*. Geografia, Londrina, v. 20, n. 3, p. 005-024, set/dez. 2011b.
URL: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia>>. Acesso em 10/04/2020

CORRÊA, Roberto Lobato. Carl Sauer e Denis Cosgrove: a Paisagem e o Passado. *Espaço Aberto*, v. 4, n. 1, p. 37-46, 2014.

CORRÊA, Roberto Lobato. A trajetória da geografia brasileira: uma breve interpretação. São Paulo: *Terra Livre*, v. 1, n. 34, p. 63-64, 2010.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. A Geografia cultural no Brasil. *Revista da Anpege*, v. 2, n. 02, p. 97-102, 2005.

CHRISTOFOLETTI, Antônio. As perspectivas dos estudos geográficos. *Perspectivas da Geografia*. 2ª ed. São Paulo: DIFEL, 1985.

DÍAZ, Esther. *Metodología de las Ciencias Sociales*, Buenos Aires:4a, Biblos, 2010.

EVANGELISTA, Hélio de Araújo. *Aspectos históricos da geografia brasileira*. 1 ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2014.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3 ed. totalmente rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

HAESBAERT, Rogério. Identidades territoriais. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL Zeny (Orgs). *Geografia cultural: uma antologia*. Volume II, Rio de Janeiro: EdUERJ, . p. 233-244, 2013.

HOEFLE, Scott William. Epistemologia e teoria cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL Zeny (Orgs). *Geografia cultural: uma antologia*. Volume I, Rio de Janeiro: EdUERJ. p. 17-42, 2012.

HOLZER, Werther. *Geografia Humanista: Sua trajetória 1950-1990*. Londrina: Editora Eduel, 2016.

HOLZER, Werther. A geografia humanista: uma revisão. *Espaço e Cultura*, [S.l.], p. 137-147, maio 2013. ISSN 2317-4161. Disponível em:
<<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/6142>>.
Acesso em: 23 abr. 2020. doi: <https://doi.org/10.12957/espacoecultura.2008.6142>.

HOLZER, Werther. A geografia humanista: uma revisão. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL Zeny (Orgs). *Geografia cultural: uma antologia*. Volume I, Rio de Janeiro: EdUERJ. p. 165-178, 2012.

LA BLACHE, Paul Vidal de. Geografia Geral: Os Gêneros de Vida na Geografia Humana *Annales de Geographia* nº 111, ano XX, tomo XX, 15 de maio de 1911. Tradução: Maria Regina Sader e Simone Batista. In *Geographia – Ano7 – Nº 13 – 2005*. Disponível em: <https://www.scribd.com/document/130965876/LA-BLACHE-Geografia-Geral-Os-Generos-deVida-na-Geografia-Humana-pdf> Acesso em 14/04/2020.

MARANDOLA JR., Eduardo. Fenomenologia e pós-fenomenologia: alternâncias e projeções do fazer geográfico humanista na geografia contemporânea. *Geograficidade*, Niterói, RJ, v. 3, n. 2, p. 49-69, Inverno 2013.

MORAES, Antônio Carlos Robert. *Geografia: pequena história crítica*. São Paulo: Annablume, 2003.

MOREIRA, Ruy. *O que é Geografia*, Buenos Aires. 2 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2010.

MOREIRA, Ruy. Assim se passaram dez anos: a renovação da Geografia brasileira no período 1978-1988. In: *GEOgraphia. Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia*. Departamento de Geografia da UFF. Niterói, ano II n.º 3, 2000.

MOURA, Rosa. *et al.* Geografia Crítica: legado histórico ou abordagem recorrente? *Biblio 3w: revista bibliográfica de geografia y ciencias sociales*, [en línea], 2008, Vol. 13, <https://www.raco.cat/index.php/Biblio3w/article/view/94600> [Consulta: 24-04-2020].

MÜLLER, Nice Lecocq. Carl Ritter, o homem e o Geógrafo. São Paulo: *Boletim Paulista de Geografia*, n 33, p.78-87, 2017.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

ROCHA, Samir Alexandre. Geografia Humanista: história, conceitos e o uso da paisagem percebida como perspectiva de estudo. *Raega - O Espaço Geográfico em Análise*, [S.l.], v. 13, june 2007. ISSN 2177-2738. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/7670>>. Acesso em: 23 apr. 2020. doi:<http://dx.doi.org/10.5380/raega.v13i0.7670>.

SANTOS, Milton. *Por uma Geografia Nova*. São Paulo: Hucitec-Edusp, 1978.

SAUER, Carl Ortwin. Desenvolvimentos recentes em geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL Zeny (Orgs). *Geografia cultural: uma antologia*. Volume I, Rio de Janeiro: Ed.UERJ. p. 43-86, 2012.

SILVA, Murilo Farias da. Contribuições de alguns clássicos para a construção dos conhecimentos em Geografia. *Caderno Prudentino de Geografia*, Presidente Prudente, n. 40, v. 2, p. 23-38, mês Dez. Ano 2018. ISSN: 2176-5774.

TUAN, Yi-Fu.. Geografia Humanista. In: CRISTOFOLETI, Antonio. (org.) *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: DIFEL. p.143-164, 1982.

Recebido: 22/4/2021

Aceito: 7/12/2021.

Autora

Jerusa Campelo Freitas Ferrari

E-mail: jerusacampelo@gmail.com